



A EDUCAÇÃO ESTÉTICA NAS NARRATIVAS DAS INQUIETAÇÕES DO SER HUMANO PROFESSOR

Marli Ferreira Wandscheer¹ - UNIOESC

Resumo: Este artigo tem como objetivo compreender a educação para a vida humana, sua função nas relações e ações humanas pelo viés da educação estética. Pretende-se discutir, de um modo geral, o conjunto das atividades educativas incumbidas de transmitir e promover valores éticos, morais e estéticos, como um processo não material, que implica em ideias, conceitos, hábitos, habilidades, compreender, auto conhecer-se e empreender princípios que sejam consagrados à vida de cada ser humano. Ao revisitar a vida, pela arte, materializando emoções, sentimentos, histórias vividas, compreender suas inquietações e de seu grupo convivente. A compreensão do contexto vivido, mostrando os conflitos, os problemas e acredita-se que com a educação estética, o ser humano possa se construir e firmar culturalmente, capacitando-se para transformações tanto materiais, quanto espirituais, consciente do verdadeiro sentido da vida. Tornando o espaço de vivência, do educador, acolhedor, desafiante, amoroso, e não competidor, exclusivamente. Um espaço no qual o ser humano, saiba discernir o que é ilusão, para que possa captar a essência das coisas, da natureza e da vida, tudo isso atrelado ao diálogo contínuo com o ser, interligado com a apreensão da realidade contribuindo na formação do pensar humano pela arte.

Palavras-chave: Educação estética. Ser humano. Arte. Qualidade de vida.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente texto é um recorte da Dissertação de Mestrado em Educação, da Linha de Processos Educativos, tendo como temática de estudo: A educação estética nas narrativas das inquietações do ser humano professor, com um grupo de educadores (as) de uma escola pública pertencente à rede municipal de ensino, do município de São Miguel do Oeste, SC. O que nos motivou a realizar este estudo foi o estresse referido pelos professores da educação básica e a necessidade de contribuir com o bem-estar docente e a qualidade de vida educacional. As consequências que os (as) docentes sofrem não se mostram muito claras, podendo se manifestar num mal-estar difuso, com sentimentos de insatisfação, ausências ou

¹ Pedagoga: Habilitação em Séries Iniciais e Matérias Pedagógicas do Ensino Médio pela Universidade Integrada Regional do Alto Uruguai e das Missões; Especialista em Psicopedagogia pela Sociedade Educacional de Itapiranga; Licenciada em Educação Artística: habilitação em Artes Plásticas; Especialista em Arteterapia, Educação e Saúde pela Universidade do Oeste de Santa Catarina e Mestre em Educação na Linha de Processos Educativos pela mesma instituição;

desejo de abandono da profissão, petições de transferência, estresse, doenças fingidas, doenças reais, neuroses, depressão grave e/ou leve, cansaço físico e mental permanente.

Para compreender a realidade em que a educação está inserida, pretende-se discorrer sobre a educação para a vida humana, como a arte pode contribuir na materialização do pensar humano, o docente diante do conflito, tentando compreender seus problemas: Como se sente? Qual o significado do problema? Também, buscar algumas soluções: Estou preparado (a) para enfrentar o que me preocupa? Como posso reagir? Qual a melhor solução para todos? Ainda, revisar a atuação: Consegui o que queria? Como posso retificar minha maneira de agir?

EDUCAÇÃO COMO FENÔMENO HUMANO

A educação é entendida como fenômeno próprio do ser humano. É parte intrínseca da vida humana. Essa perspectiva de compreensão da educação como mola propulsora de transformações para a vida humana apoia-se em Maturana & Varela (2001), que assegura que a vida é um processo de conhecimento, no qual os seres vivos constroem esse conhecimento, não a partir de uma atitude passiva, e sim pela interação com outras espécies e com o entorno ambiente. “Aprendem vivendo e vivem aprendendo.” (p.12). Diante desta posição e, na condição de seres biológicos e instintivos, busca-se compreender o processo vivido capaz de transformar um ser biológico num ser humano.

Para entender e compreender esses contextos de convivência do ser humano e suas manifestações, buscamos, nas reflexões de Bauman (2007), a compreensão de contextos atuais. A cultura líquido-moderna não se percebe mais como uma cultura do aprendizado e do acúmulo, como outrora registrada nos relatos de historiadores. Parece estarmos vivendo um momento de culturas do desengajamento, da descontinuidade e do esquecimento. Diante das reflexões do autor, pode perceber-se que essas manifestações vêm a contribuir no processo do conhecimento pelo aprender na convivência.

Neste contexto tumultuado das relações humanas apresentado por Bauman, e tendo o ato de educar para uma melhor condição de respeito às ações do ser humano, questionamos: Como articular os desejos humanos para esse fim?

Na condição de vir-a-ser humanos, nos educamos na medida em que os nossos desejos vão emergindo, seja no desejo de aprender e de esquecer, seja na busca da sobrevivência. Transformamos o meio ambiente em nosso favor, o que vem diferenciar o ser humano dos outros seres vivos, uma vez que essas transformações têm um fim, uma função, uma

consequência. Dessa forma vamos, aos poucos, nos educando para suprir os desejos, o que, muitas vezes, não contribui, e pode até impedir o indivíduo de se fazer gente.

Nas possibilidades apresentadas pelo momento vivenciado, as quais ofuscam os desejos, atitudes e ações do ser humano, Maturana (2005, p.34-35) assinala que faz-se necessário educar:

Para recuperar essa harmonia fundamental que não destrói, que não explora, que não abusa, que não pretende dominar o mundo natural, mas que deseja conhecê-lo na aceitação e respeito para que o bem-estar humano se dê no bem-estar da natureza em que se vive. Para isso é preciso aprender a olhar e escutar sem medo de deixar de ser, sem medo de deixar o outro ser em harmonia, sem submissão. Quero um mundo em que respeitemos o mundo natural que nos sustenta, um mundo no qual se devolva o que se toma emprestado da natureza para viver. Ao sermos seres vivos, somos seres autônomos, no viver não o somos.

Maturana (2005) fazendo uma relação com as afirmações sobre o viver atual, apontadas por Bauman, parece importante encontrar outras possibilidades para educar o ser humano, desafiando-o a conviver em harmonia com o outro e com o contexto de mundo cultural, complexo e instável em que vive.

Esse conviver, baseado na interação, no relacionamento com outros humanos, se dá por meio de processos culturais, mediados pela linguagem e visando compreender as ações como seres culturais. A educação é entendida de um modo geral, como um conjunto de atividades incumbidas de transmitir e promover valores éticos e morais, tornando-se, de certa forma, um processo não-material, que implica em idéias, conceitos, hábitos, habilidades, bem como de compreender e empreender princípios que sejam consagrados à vida de cada ser humano no decorrer de toda a sua existência, auxiliando no processo de transformação desse ser humano.

Para compreender esse conjunto de entrelaçamentos culturais, imbricados na vida do ser humano, com suas redes de conversações que transmitem emoção, Maturana & Verden-Zöllner (2006, p.33) sustenta que:

[...] na vida cotidiana, quando falamos de cultura ou de assuntos culturais, é uma rede fechada de conversações que constitui e define uma maneira de convivência humana como uma rede de coordenações de emoções e ações. Esta se realiza como uma configuração especial de entrelaçamento do atuar com o emocionar da gente que vive essa cultura. Desse modo, uma cultura é, constitutivamente, um sistema conservador fechado que gera seus membros à medida que eles a realizam por meio de sua participação nas conversações que a constituem e definem.

Nesse processo de respeito pelo outro, provocar o repensar sobre as nossas escolhas, momentos em que os envolvidos possam dividir sentimentos e impressões para a evolução da formação da cultura do ser humano. Nossa existência se faz no coletivo, na sociedade, no grupo.

[...] ao reflexionar sobre nosso viver e os desejos que guiam nosso viver, podemos pensar que isto não é assim, por que às vezes pensamos que fazemos o que nos vemos obrigados a fazer, embora não queiramos fazê-lo; no entanto, o que ocorre é que, nesses casos, o que guia nosso viver é um desejo oculto ou às vezes declarado cuja satisfação requer fazer o que dizemos que não queremos fazer. (MATURANA e YÁÑEZ, 2009, p. 151)

Maturana e Yáñez, (2009) sustentam que todo o viver humano ocorre em redes de conversações, mas que as escolhas, ações e atitudes são somente nossas. E o linguajar² e as conversações são meios de recordar significados, atribuir novos conceitos, e, desse modo, podemos não só interpretar, mas interpretar nossas interpretações. Podemos nomear o mundo e, assim, reproduzi-lo dentro da mente. Podemos refletir sobre seu significado e materializar, por meio de ações, mundos melhores. Maturana & Verden-Zöllner (2006, p.31) assegura; “[...] que o que nos constitui como seres humanos é nossa existência no conversar”. Nesse sentido, o linguajar, sustentado no emocionar pode ser um meio para atingir o nosso modo de existir como seres humanos.

A história da humanidade seguiu e segue os passos do emocionar, dos desejos, das oportunidades, ideias, valores, símbolos, e não de recursos disponíveis. Maturana (2006, p.179) afirma que: “no fluir de nossas emoções (isto é, em nosso emocionar) nos movemos de um tipo ou classe de comportamentos relacionais para outro. Se mudamos de emoção, vamos de um tipo de comportamentos relacionais para outro”. Todos esses elementos comportamentais de vivências têm significação a partir de sua aceitação, de como são conotados emocionalmente. Desse modo, é o emocionar que orienta o nosso viver, e por que não o meio educativo?

A educação se abre no âmbito da preocupação com a identificação das relações dos elementos biológicos, culturais e sociais indispensáveis na formação do ser humano. Desse modo, podemos compreender a educação como “sistema educacional” que configura um mundo, e os educandos confirmam, em seu viver, o mundo que viveram em sua educação. Os

² Linguajar. É o fluir em coordenações de coordenações comportamentais consensuais. Quando, numa conversação, muda a emoção, muda também o fluxo das coordenações de coordenações comportamentais consensuais. E vice-versa. Esse entrelaçamento do linguajar com o emocionar é consensual e se estabelece na convivência.

educadores, por sua vez, confirmam o mundo que viveram ao serem educados no educar. Educar, para Maturana (2005, p.29), é

[...] um processo contínuo que dura toda a vida, e que faz da comunidade onde vivemos um mundo espontaneamente conservador, ao qual o educar se refere. Isso não significa, é claro, que o mundo do educar não mude, mas sim que a educação, como sistema de formação da criança e do adulto, tem efeitos de longa duração que não mudam facilmente.

Com a educação, o ser humano pode se construir, firmar, trocar aos pares culturalmente, capacitando-se para transformações tanto materiais quanto espirituais. A educação, nas suas diferentes concepções, pode ser o cerne do desenvolvimento social. Sem ela, acreditamos que até mesmo as sociedades mais avançadas tecnologicamente retornariam à situação de barbárie em pouco tempo.

Complementando a compreensão sobre as possibilidades da educação, Morin (2003, p.103) diz:

A educação deve colaborar com o abandono da concepção do progresso como certeza histórica, para fazer dela uma possibilidade incerta; deve compreender que nenhum desenvolvimento é adquirido para sempre, porque, como todas as coisas vivas e humanas, o desenvolvimento encontra-se submetido ao princípio de degradação e deve regenerar-se incessantemente.

Para que essas mudanças estruturais ocorram, o autor nos aponta a linguagem e a interação com o meio, como elementos basilares para estabelecer redes de conversações e de congruência, possibilitando a esses humanos escutar e dialogar uns com os outros, fazendo deles verdadeiros outros.

A educação possibilita o reconhecimento de cada ser e, ao reconhecer-se, podem desenvolver suas potencialidades, ajustar as estruturas adaptando às partes de corpo, psiquismo e razão a todo o momento, para manter a congruência com o meio que lhe permite viver e seguir vivendo.

A herança cultural, segundo Bauman (2005, p. 57) encontra-se ameaçada, diante dos desejos impostos pela sociedade contemporânea, “que vivemos em uma era líquida moderna, em que as relações humanas de afetividade são comprometidas pela velocidade com que os laços humanos se mostram mais frágeis”. Esse conjunto de imposições vivenciadas cotidianamente, pelo ser humano, na sociedade contemporânea, é esmagador, ameaçando os projetos de vivências e convivências. Baumann fortalece e confirma que a ação educativa é uma contribuição de cada um ao conhecer-se e compreender-se melhor.

Bauman (2009) considera um dos desafios decisivos para a educação humana: a outorga dos poderes aos seres humanos requer a capacidade de fazer escolhas e de agir eficazmente com base nas escolhas feitas, mas requer também a construção e a reconstrução de vínculos interpessoais. Requer ainda à vontade e a capacidade de empenhar-se continuamente, junto com os outros, para criar uma convivência humana em ambientes hospitaleiros e amigáveis. Também considera relevante uma cooperação entre os homens e as mulheres na busca pela autoestima, voltada para o enriquecimento recíproco, para o desenvolvimento das potencialidades dos diversos sujeitos e para o desfrute adequado das suas capacidades.

A ARTE COMO MATERIALIZAÇÃO DO PENSAR HUMANO

A Arte existe desde os primórdios da humanidade e vem se expandindo junto com ela, por meio da cultura de cada povo, podendo tornar-se um elemento de possibilidade de conhecimento e aproximação entre os seres humanos de culturas distintas, pois favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças expressas nos produtos artísticos e concepções estéticas, num plano que vai além do discurso verbal, que se materializa por meio de aprimoramento das emoções humanas.

Na materialização da arte como linguagem o ser humano revela-se, como afirma Meira (2003, p. 34): “Fazer arte distingue-se das demais práticas sociais ao revelar a demanda de experiências calcadas em vivências e exercícios de conhecimento sensível aquém e além da esfera do simbólico e da natureza hermenêutica.” Compreende-se que o ser humano utiliza a arte para dialogar com o meio em que vive, e esta somente tem sentido quando se torna objeto que permite conexões com os saberes, entrelaçados com o contexto sociocultural, suas vivências, que podem ser resultado das articulações do seu pensar.

A representação da arte como objeto de reflexão pode permitir a concretização dos sentimentos, produzindo significados, que dão sentido às relações da vida humana. “[...] através da arte chegamos a conhecer nossos sentimentos”. DUARTE JR. (2005, p. 106). Ou ainda que, “o sentir é anterior ao pensar e compreende aspectos perceptivos (internos e externos) e aspectos emocionais. Por isso, pode-se afirmar que, antes de ser razão o homem é emoção.” DUARTE JR (2005, p. 16).

A arte é uma fonte de recursos que permite que a materialização do pensamento humano, possibilita o diálogo entre as diferentes gerações, exprime a vivência humana e se complementa com a participação e a interação do seu grupo convivente.

Sob esta perspectiva, a arte transporta para o consciente do ser humano e, a partir dele, cria situações, às quais passa a serem formas de conhecimento e busca de valores, de auto identificação e de relações com o mundo. Para Veiga e Cardoso (1995, p. 83), a Arte está em todos os tipos de relações que o ser humano constitui em toda a sua existência, em suas palavras: “A Arte é conhecimento, é construção não verbal possuidora de uma codificação e decodificação específica, é inter-relação de um mundo interno e externo. É uma inter-relação entre sujeito e objeto, entre conhecimento e sensações, entre pensar, sentir, fazer, refletir”.

A arte pode ser resultado de uma força constante entre o social e o individual. O ser humano estabelece, com o círculo social, estímulos, que produzem sensações e despertam nele sentimentos que dão vazão à expressão artística. Fischer (1987, p. 14) afirma que “a tensão e a contradição dialética são inerentes à arte; a arte não só precisa derivar de uma intensa experiência da realidade como precisa ser construída, precisa tomar forma através da objetividade”. A arte se torna um elemento artístico importante, sendo construído por meio da relação entre o pensar e a realidade vivenciada.

Quando o ser humano não conseguir explicar com palavras o que está sentindo em determinado momento, ao ser motivado a desenvolver atividades artísticas conseguirá materializar seus sentimentos e emoções durante a criação.

Duarte Jr (2001, p. 22-23) ressalta que:

É através da arte que o ser humano simboliza mais de perto o seu encontro primeiro, sensível, com o mundo. Situando-se a meio caminho entre a vida vivida e a abstração conceitual, as formas artísticas visam a significar esse nosso contato carnal com a realidade, e a sua apreensão opera-se bem mais através da nossa sensibilidade do que via o intelecto. A arte não estabelece verdades gerais, conceituais, nem pretende discorrer sobre classes de eventos e fenômenos. Antes, busca apresentar situações humanas particulares nas quais esta ou aquela forma de estar no mundo surgem simbolizadas intensificadas perante nós.

Ao entrar em contato com as linguagens da arte, o universo do humano vai sendo despertado provocando-lhe uma convivência e reconhecimento dos seus sentimentos e emoções, vivenciando-os e compreendendo-os, adquirindo assim conhecimento de si próprio e do outrem.

Maffesoli (2010, p. 62) complementa, com relação à educação do sensível, que: “o sensível é uma dimensão humana que basta a si mesma, e que convém, pela produção artística, engrandecer”. “[...] e com isso significa que só existe o que se deixa ver, ou o que se deixa viver pelos sentidos”.

A educação estética propõe ver o ser humano como realmente humano um ser em constante transformação. É a educação dos sentidos em todas as suas dimensões, educando a partir de suas necessidades e de seu contexto, valorizando a cultura a que está inserido.

ARTETERAPIA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO ESTÉTICA

O contexto emergente em que o ser humano está inserido, mais especificamente o educador, no qual muitos encontram-se estressados, mal humorados, com perda de sua identidade profissional, infelizes com a sua ação docente diária, com formação frágil para a sua ação docente no contexto atual, prejudicando, muitas vezes, a sua vida, a vida de seus educandos e das demais pessoas que se interligam em seu grupo convivente, entrelaçar a arte e a arteterapia como possíveis canais de autoconhecimento, auto aceitação e reconhecimento das potencialidades desse ser humano.

E, conforme Ormezzano (2009), um dos fios condutores neste entrelaçamento de conhecimentos poderá ser a consciência advinda da educação estética, já que como processo de desenvolvimento e formação pessoal e/ou coletivo, que pode envolver atividades perceptivas, expressivas e criadoras, considerando o ser humano em sua multidimensionalidade: corpo-mente-espírito-sociedade-cultura-natureza. Permite a construção de conhecimentos artísticos e científicos, assim como aprofunda a auto cognição e as diversas possibilidades de socialidade, produz saberes socioculturais, ecológicos e espirituais. O principal objetivo da educação estética é a formação humana, fazendo interface com a arteterapia, tendo em vista que o aspecto estético é essencial para o processo educativo, que começa no seio familiar e se estende ao longo da vida, nas experiências cotidianas, caracterizadas pela informalidade e em estreita ligação com o ambiente, continuando em diversas instituições educacionais formais e não formais.

A partir daí, torna-se um desafio para educadores pesquisadores pensar a arte como uma possibilidade arte terapêutica, para que este ser humano, enquanto profissional inserido no contexto educacional, com a vivência de atividades artísticas, possa vir a contribuir na melhoria da qualidade de vida dessas pessoas.

Essa possibilidade de entrelaçar a arte e os processos arte terapêuticos só ocorre no momento atual, "[...] porque a arte liberou-se de toda a norma canônica, de obrigação que não emane das regras de jogo que o próprio artista inventa." Paín, (2009, p. 12).

Ao vivenciar e compartilhar as dificuldades por meio de atividades artísticas, com o foco terapêutico. Coutinho (2007, p. 8): "A arteterapia é entender valores diversos, do campo

do conhecimento e do campo do sentimento como, de igual forma, necessários para o projeto da vida humana”. Por isso, materializar por meio de atividades artísticas leva o ser humano a elaborar reflexões acerca de sua existência e do mundo que o cerca.

Paín (2009) diz que, na arteterapia, a arte é concebida como uma metáfora, um simulacro da arte, por sua dupla condição: por um lado, o participante das atividades artísticas não se compromete com um aprendizado sistematizado das regras do ofício artístico, nem com a criação de ideias plásticas cuja coerência estética seja completa e socialmente reconhecida; por outro lado, a arteterapia pede ajuda da arte, um serviço.

Esse vivenciar um fazer artístico, sem compromisso de criação de objeto artístico, faz com que a arte seja uma possibilidade de tomada de consciência. Como reforça Diniz (2010, p. 12): “A Arteterapia é uma facilitadora da decifração do mundo interno, e a possibilidade de acessar esse mundo em um ambiente cuidadoso e acolhedor nos ajuda a ter encontros com o mais profundo de nós, visando à saúde total do ser.” A arte permite a simbolização de sentimentos e emoções de nosso inconsciente.

Na perspectiva de reconfigurar pela ativação do potencial criativo do ser humano, Nagem (2007, p. 23) aponta que a arteterapia:

[...] possibilita o desenvolvimento de potenciais latentes e do autoconhecimento. Ao desenvolver esse potencial, pela aquisição da liberdade e da autoconfiança, a pessoa torna-se capaz de superar seus próprios problemas, enquanto segue configurando o seu caminho de transformação psíquica e material.

Assim, observa-se que são inúmeras as possibilidades que o ser humano tem diante de si para exercitar sua expressão criativa. Sob esta perspectiva Andrade (2000, p. 33) afirma que:

A arte é um caminho novo, único ao exteriorizar a interpretação síntese da experiência pessoal. Esta expressão é fruto das atividades conscientes e inconsciente da apreensão do mundo objetivo enquanto elaboração desse impacto no mundo interno do indivíduo. O ato de criar e o produto da criação tornam-se o porta voz da tentativa de resolução do choque entre o que se apresenta ao indivíduo advindo da realidade objetiva e a maneira deste compreendê-la.

Pode-se salientar que, se não são privilegiados exteriormente um tempo e um espaço para o ser humano entrar em contato com a sua essência, é necessário criarmos um diálogo com nossos referenciais internos e externos. Nesse sentido a arte, em sua abrangência, pode ser um elemento capaz de conduzir à essência do ser humano. Colagrande (2010, p. 27)

afirma que a “Arte é um meio concreto para se desenvolver a sensibilidade, a ética, a concentração, a criatividade e a espiritualidade, contribuindo para uma sociedade melhor”.

Na arteterapia, os participantes dessas linguagens artísticas expõem suas percepções sobre o mundo, conforme Valladares (2005, p. 16) afirma:

Na arteterapia instrumentaliza-se através de materiais expressivos diversos e adequados a expressar e a comunicar seus símbolos da energia psíquica (sentimentos, emoções, sonhos, desejos, afetos, fantasias, conflitos) para o meio exterior, possibilitando revelações, reconhecimentos, resgates, reconstrução e transformação. Assim, nas expressões artísticas, os pacientes expõem a si mesmos, isto é, deixam aflorar todo seu contexto social, suas percepções sobre o mundo, sua identidade, afetividade, imaginação, seu mundo psíquico inconsciente.

A arte, por meio da sua abrangência, possibilita expor e externalizar de forma criativa, oportunizando a simbolização de sentimentos e emoções do inconsciente podendo permitir ao participante em suas produções expressivas reconstruir um diferente modo para o seu viver.

Muitas vezes as pessoas permanecem presas a atitudes, escolhas que repetem sem se dar conta. Ao conscientizar-se dessas escolhas, o ser humano tem dificuldade em quebrar “essas regras”, por medo de transformar-se e de atribuir a si mesmo responsabilidades por seu destino e suas parcerias em relações mais saudáveis e plenas.

Nesse sentido, Coutinho (2007, p. 49-50) afirma que:

A arte, no processo de criação artística, costuma nos ajudar a reforçar os nossos aspectos saudáveis. Ao criarmos, abrimos as portas de nossa sensibilidade, o que possibilita a construção de meios para a transformação pessoal. Transformação essa, que caminha pelas trilhas do autoconhecimento e pela compreensão de nossas características próprias. Ao nos conhecermos, sem julgamentos ou críticas, nos preparamos para refletir a respeito de crenças e padrões, que por acaso nos acompanhem [...].

O criar evoca tanto um desbloqueio da inibição à produção, como sinal de uma liberdade afetiva e emocional, quando proporciona segurança para enfrentar as dificuldades frente às situações de vida.

Conforme aponta Urrutigaray (2006, p. 77-78):

[...] no processo criativo, dado pela possibilidade de realizar “algo novo”, como elemento modular presente em todo o ato de criar, a utilização de recursos da arteterapia favorece o processo pelo qual os problemas, conflitos e acontecimentos particulares são significados a partir da compreensão desta nova forma criada. Pois a materialização, proporcionada pelas formas surgidas, propicia o confronto com realidades subjetivas não conscientizadas, apesar de atuadas nos comportamentos emitidos.

Para tanto, há momentos em que cabe ter coragem para auto avaliar-se, deixar transparecer sonhos, reservar um tempo para reflexões sobre metas, dando uma maior possibilidade de comunicação entre o eu – mundo.

No contexto emergente, e com a diversidade das situações vivenciadas pelo ser humano e pelas incompreensões que este vem sofrendo, Sauer (2010, p. 47) adverte:

[...] o sistema de vida pode desintegrar o indivíduo, destruindo suas próprias emoções, a atividade criadora em sua diversidade de manifestações favorece a recuperação de certos valores humanísticos. Adaptar-se às mudanças da contemporaneidade requer usar a imaginação criadora. O mecanismo criativo possibilita estimular e expandir as conexões entre os neurônios, propiciando um sistema nervoso melhor. Há algum tempo estudiosos vêm pesquisando a mente humana.

Esse momento de repensar as posturas permite-nos viver um processo de auto conhecimento pessoal significativo, que vem de encontro com a realidade vivida; há que se envolver, deixar aflorar emoções, permitir-nos um repensar sobre nós mesmos, fazer com que nossa autoestima desprenda-se de medos e emirja, dando um sentido pleno à vida.

No rebuscar dessa melhoria da qualidade de convivência educacional, o ser humano ao elaborar reflexões acerca de sua existência e do mundo que o cerca. Andrade (2000, p. 34) afirma que:

A arte, como quer que seja entendida, tem função extremamente importante e essencial para o desenvolvimento humano podendo fazer a integração de elementos conflitantes: impulso-controle, amor-acolhimento, versus ódio-agressividade, sentimento-pensamento, fantasia-realidade, consciente-inconsciente, verbal e não verbal. A função das artes tem sido explicada dentro das diversas teorias e todas elas reconhecem nela uma qualidade integrativa inerente, um poder de unir forças oponentes dentro da personalidade. Favorece a reconciliação das necessidades do indivíduo com as demandas do mundo exterior pode ser compreendido como função psicológica da arte.

O fazer artístico é uma possibilidade de criar, transformar, redescobrir e começar de novo, podendo ser revelador e transformador, como descreve Ciornai (2004, p. 36):

[...] tanto na arte quanto na terapia manifesta-se a capacidade humana de perceber, figurar e reconfigurar suas relações consigo, com os outros e com o mundo... misturando o velho com o novo, o conhecido com o sonhado, o temido com o vislumbrado, trazendo assim novas integrações, possibilidades e crescimento.

A arteterapia poderá possibilitar um novo redimensionar para a ação docente, agentes atuantes na formação da identidade e personalidade de seus educandos. Morin (apud

URRUTIGARAY, 2006, p. 81) afirma:” É sentindo-se humano com o humano que o sujeito tem a viabilidade de desenvolver as qualidades humanas”.

NARRATIVAS VIVENCIADAS: Eu como sujeito de minha reflexão

A arte em suas diferentes linguagens pode ser uma fonte possibilitadora de materialização de sentimentos e emoções; vivenciamos esta situação na proposição da atividade da mandala, com o objetivo provocar, abrir um caminho e/ou sensibilizar o universo interno de cada participante, muitas vezes endurecido, encoberto, cristalizado pela densidade vivida no dia a dia. E ao tocar, manipular as sementes, entrassem em contato consigo mesmo e com o outro.

O grupo convivente, nas situações de conflito que fazem parte do viver humano em situações ocasionais, quando se está confiante no outro, essa percepção se manifesta no reflexionar da importância da contribuição do outro, na minha vida, nas palavras de Copo de Leite (2011): “[...] como no dia a dia, diante as dificuldades que são muitas, com uma palavra do colega vem à luz pra resolver, e o que a gente mais sente é que o problema da escola é um problema meu, é um problema nosso, não é o aluno meu, é o aluno nosso e isso é o que tem nos mantidos vivos”. Essa responsabilidade, comprometimento pela ação docente, vem de encontro ao pensamento de Maturana e Verden-Zöller (2004, p. 110-111): ”[...] a vida que vivemos, o que somos e o que chegaremos a ser e, também o mundo ou os mundos que construímos com o viver e o modo os vivemos – são sempre o nosso fazer. [...] ao percebermos que é assim, os mundos em que vivermos serão de nossa total responsabilidade”.

Tomar consciência de que precisamos do outro, do coletivo, do estar junto, o negar-se a reflexão às vezes, revela que não somos forçados a viver, um viver que não seja de nossa responsabilidade, presentes no relato de Iris (2011):

[...] a gente percebe o que realmente é. Sozinho com geografia eu não sou ninguém. A gente precisa realmente de todo mundo, de todas as áreas, de todas as formas de conhecimento e passar isso para os alunos e colegas e daí assim sabe aquela coisa legal de brincar com as sementes, a gente sentia que tinha uma harmonia no grupo, ninguém foi falando tira o teu daí deixa eu colocar o meu...

A reflexão sobre angústia, o desejo pelo trabalho coletivo, acontece somente no momento, fica na superficialidade. Questionamo-nos: Por que a participante não toma um posicionamento para que a sua ação docente seja focada para a coletividade?

Estar vivendo um momento de docência fragmentado vem de encontro com o que Aguiar & Almeida (2008, p. 39), escrevem “Na escola, cada professor trabalha isoladamente, sem a oportunidade de falar de sua angústia, de sua prática pedagógica, sem um lugar para (re) significá-las”. Essa prática solitária deixa o ser docente fragilizado, pois como humanos necessitamos dialogar sobre as nossas dificuldades vivenciadas diariamente que sejam inerentes a nossa prática pedagógica.

As palavras nos remetem a um repensar a docência direcionando ao pensamento da complexidade, defendido por Morin. Percebe-se que ao vivenciar a atividade artística essa reflexão emerge sem pressão, metas a cumprir ou intencionalidade, mas de forma espontânea. E, nesse sentido, Morin afirma: (2004, p. 14), “[...] o que é tecido junto”, pode tornar-se mais consciente de sua ação, tendo capacidade de provocar mudanças significativas, as quais começam muitas vezes no momento em que estamos diante dos olhos dos alunos, certamente irá refletir no todo da escola, ou seja, o ser docente pode ressignificar a sua prática pedagógica, sendo um ser humano mais feliz, por que não em autoestima, auto respeito, consigo mesmo e com o outro.

As reflexões dos educadores reportam para a problemática educacional, e esta reflexão torna-se fundamental para o crescimento profissional e pessoal do docente. Segundo Zaragoza (1999, p. 141); “[...] a importância da comunicação como veículo da auto realização do professor, compartilhando seus problemas para não acumulá-los, expressando suas dificuldades e limitações para trocar experiências, ideias e conselhos com seus colegas e com os demais agentes da comunidade escolar”.

As possibilidades expostas pelos participantes são realidades vivenciadas e, se lembradas é porque o passado se transforma se transpõe para o presente e, como tal, poderá motivar o bem estar psíquico e corporal ou então o mal estar psíquico e corporal, com dor e sofrimento. O fazer artístico da mandala, permitiu aflorar a reflexão, do mal estar psíquico do educador, conforme relata Sol e Lua (2011): “[...] todos nos, todos, sem exceção de ninguém se voltou para aquele tempo... A gente trouxe isso que tá dentro da gente. [...] é por isso que a gente volta tanto para aquele ponto que a gente passou neste espaço”.

Nesse sentido os signos e símbolos representados na mandala se tornam um símbolo pessoal que permite a auto reflexão sobre quem somos e como somos no passado e no presente de nossas vidas. Fincher (1991, p.35) nos escreve que: “[...] quando fazemos uma mandala, criamos o nosso próprio espaço sagrado, um lugar de proteção, um foco de concentração de nossas energias. Ao expressar nossos conflitos interiores na forma simbólica

da mandala, projetamo-los para fora de nós mesmos”. E a mandala construída por todos, tornou-se um espaço sagrado, de introspecção, de voltar-se ao seu interior.

Nesse entremeio de contradições, fragmentação, recusa em ser devorado, perde-se a noção de quem se é. Conforme relata Rosa: “[...] meu sofrimento refletindo dos meus olhos, palidez da minha pele, os sinais da idade que vieram se construindo ao longo dos tempos... Sinto um incômodo muito grande de me olhar de frente...” A atividade artística possibilita aos envolvidos, ir tomando consciência do seu processo individual. “Dar-se conta, ter consciência de si próprio, ou seja, perceber o que de fato provoca o que se sente, leva o indivíduo a descobrir a sua responsabilidade no conflito e um novo fator de situação, que é ele mesmo, passa a ser considerado” (TRINDADE, 2006, p. 98).

O sofrimento, o mal estar psíquico que atinge aos professores, em grande escala deve-se ao sentimento de impotência e impossibilidade frente às diversidades e os insucessos de seu viver, como ser humano na docência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que no processo de transformar e transformar-se, os seres humanos vivenciam o processo de educação.

Nesse processo, as pessoas refletem e representam, por meio de símbolos, o mundo em que vivem. Esse aspecto, contido no ato de educar, faz com que o ser humano se preocupe em compartilhar suas experiências cotidianas e acumuladas ao longo da história para seus descendentes.

Cuidar da interioridade do ser humano e cuidar do espírito é desenvolver a auto-estima e reconhecer a amorosidade presente em sua própria humanidade. É tornar possível a expressão de sentimentos, talentos e capacidades, para situar-se como sujeito e não como objeto num mundo incerto e mutante de uma maneira mais competente, sadia e sábia. (MORAES, 2008).

Os educadores aos vivenciarem as atividades artísticas materializaram um conversar reflexivo, visando o bem-estar psíquico, e, além disso, foram uma possibilidade de reorganização do caos interior. Ao vivenciar a arte a mente humana permite que o corpo transmita o que há no inconsciente ou consciente e que muitas vezes por vias tradicionais freamos a nossa expressão, nosso verdadeiro eu, em função de regras e tabus impostas, não educamos os nossos desejos e emoções, para um viver com alegria e respeito a si mesmo, a partir das constatações das causas que tornam a vida do sujeito (educador) é possível auxiliá-

los oferecendo-lhes um trabalho interdisciplinar com o intuito de promover o bem estar do educador como ser humano.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Rosana Márcia Rolando; ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. Mal-estar na Educação: O Sofrimento Psíquico de Professores. Curitiba: Juruá, 2008.

ANDRADE, Liomar Quinto de. Terapias Expressivas: Arte-Terapia, Arte-Educação e Terapia-Artística. São Paulo: Vector, 2000.

ARCURI, Irene Gaeta. (Org.) Arteterapia: um novo campo do conhecimento. 1ª ed. São Paulo: Vetor, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. Tempos Líquidos. Tradução Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2007.

_____. A Arte da Vida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

CIORNAI, Selma. Arteterapia Gestáltica em Ciornai, S. (org.) Percursos em Arteterapia – arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia. Vol. 1, São Paulo: Summus Editorial, 2004.

COLAGRANDE, Claudia. Arteterapia na Prática: Diálogos com a Arte-Educação. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2010.

COUTINHO, Vanessa. Arteterapia com crianças. 2ª ed. Ed. Wak. Rio de Janeiro, 2007.

DINIZ, Lígia. (Org.) Mitos e arquétipos na Arteterapia: os rituais para se alcançar o inconsciente. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

JR, João Francisco. 8ª ed., Fundamentos Estéticos da Educação. Ed. Papirus. Campinas, 2005.

_____. O Sentido dos Sentidos. Ed. Criar Edições. Curitiba, 2001.

FINCHER, Suzanne F. O autoconhecimento através das mandalas: a escolha das técnicas e cores mais adequadas para a criação de uma mandala pessoal. São Paulo: Pensamento, 1991.

FIORIN, José Luiz. Objeto artístico e experiência do imaginário. LANDOWSKI, ERIC; DORRA, R.; OLIVEIRA, A. C. (Ed.). Semiótica, estesis, estética. São Paulo, 1999.

FISCHER, Ernest. A necessidade da arte. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

MAFFESOLI, Michel. No Fundo das Aparências. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MATURANA, Humberto R. & VARELA, Francisco J. A árvore do Conhecimento – As bases biológicas da Compreensão Humana. São Paulo: Palas Athenas. 2001.

_____. Emoções e linguagem na educação e na política. 4ª. Reimpressão, Belo Horizonte: Ed. Editora UFMG. 2005.

_____. Cognição, Ciência e Vida Cotidiana. 2ª reimpressão, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

_____ & VERDEN-ZOLLER, Gerda. Amar e Brincar: Fundamentos Esquecidos do Humano, 1ª reimpressão, Editora Palas Athena, 2006.

_____, YÁNÊZ, Dávila Ximena. Habitar humano em seis ensaios de biologia-cultural; Tradução de Edson Araújo Cabral. São Paulo: Palas Athena, 2009.

MEIRA, Marly. Filosofia da criação: reflexões sobre o sentido do sensível. Porto Alegre: Mediação, 2003.

MORAES, Maria Cândida. Ecologia dos Saberes: Complexidade, Transdisciplinariedade e Educação: Novos fundamentos para iluminar novas práticas educacionais. São Paulo: Antakarana/WHH- Willis Harmann House, 2008.

MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a forma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. Educar na era Planetária. O pensamento complexo como Método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. Edgar Morin, Emilio-Roger Ciurana, Raúl Domingo Motta; tradução Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo, Cortez, 2003.

ORMEZZANO, Graciela. Educação Estética, Imaginário e Arteterapia. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.

_____. Sobre a imagem visual e o imaginário. In: ORMEZZANO, Graciela (Org.). Questões de Arteterapia. 2ª ed.- Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.

PAIN, Sara. Fundamentos da arteterapia. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2009.

SAUER, Elisabeth da Silva. Despertando valores de vida sustentáveis “o indizível em formas visíveis”. Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo. Anais do IX Congresso Brasileiro de Arteterapia – Arteterapia no Século XXI: Diversidade e Profissionalização. - São Paulo: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, 2010. ISBN 978-85-63203-30-8

TRINDADE, Leda Delmondes . Adoecer – opção por uma construção bélica. São Cristóvão: Ed. UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2006.

URRUTIGARAY, Maria Cristina. ARTETERAPIA: A transformação pessoal pelas imagens. Ed. Wak. 3ª Ed., Rio de Janeiro, 2006.

ZARAGOZA, José Manuel Esteve. O Mal-estar docente: A sala de aula e a saúde dos professores; tradução Durley de Carvalho Cavicchia. Bauru, SP: EDUSC, 1999.